

50

ÁMBITOS REVISTA INTERNACIONAL DE COMUNICACIÓN

N° 50
EDICIÓN OTOÑO
2020

ISSN: 1139-1979

E-ISSN: 1988-5733



ÍNDICE

EDITORIAL EDITORIAL

Presentación del Monográfico. Comunicación y juventud. Nuevos medios, representación, recepción y participación en contenidos de entretenimiento e información

Presentation of the monograph. Communication and youth. New media, representation, reception and participation in entertainment and information content.

Juan Francisco Gutiérrez Lozano, Francisco Javier Ruiz del Olmo

7-9

MONOGRÁFICO MONOGRAPH

El consumo audiovisual de la Generación Z. El predominio del vídeo online sobre la televisión tradicional

The audiovisual consumption of Generation Z. The predominance of online video over traditional television

María Navarro Robles, Tamara Vázquez Barrio

10-30

La imagen de los jóvenes en las estrategias transmedia de las series de televisión: el caso de Skam España en Instagram

The image of young people in transmedia strategies of TV series: the case of Skam España on Instagram

Sergio Jesús Villén Higuera, Francisco Javier Ruiz del Olmo

31-48

La penetración de Netflix en el público español ¿cuestiona el modelo televisivo tradicional?

Does the arrival of Netflix in the Spanish audience challenge the traditional television model?

Javier Bustos Díaz

49-61

Generación Z y consumo de información política: entre la televisión y los nuevos formatos mediáticos

Generation Z and consumption of political information: between television and new media formats

Ruth Gómez de Travesedo Rojas, Marta Gil Ramírez

62-79

Actualidad y comedia: El éxito de *El Intermedio* y *La Resistencia* entre los espectadores jóvenes

Information and comedy: The Success of El Intermedio and La Resistencia for young audiences

Inmaculada Concepción Aguilera García

80-95

- El efecto socializador de articular un espacio de comunidad virtual en el ecosistema del aula**
The socializing effect of creating a virtual community space in the classroom environment
 Lorea Ariadna Ruiz Gómez, Mónica Hinojosa Becerra, Francisco Javier Ruiz San Miguel 96-115
- Juventude ciberativista e educação: reflexões sobre um jeito hacker de ser**
Cyber activity youth and Education: reflections on a hacker way of being
 Carla Azevedo de Aragão, Pietro Matheus Bompert Fontoura Alves, Karina Moreira Menezes 116-127
- La risa grotesca en la obra de Bob Dylan: análisis de la Bacanal y el Festín Carnavalesco en la trilogía folk-rock eléctrica**
Grotesque Laughter in Bob Dylan's Work: Analysis of The Bacchanal and the Carnival Feast in the Electric Folk-rock Trilogy
 Jesús Albarrán Ligeró 128-144
- El papel del intertexto en el videojuego. Una partida, mil y una historias**
Intertext in video games. A game, thousand and one stories
 Rocío Serna-Rodrigo 145-158

ÁMBITOS PERSONALES PERSONAL ÁMBITOS

- El auge de Twitch: nuevas ofertas audiovisuales y cambios del consumo televisivo entre la audiencia juvenil**
The rise of Twitch: New audiovisual offers and the transformation of Television consumption among young audiences
 Juan Francisco Gutiérrez Lozano, Antonio Cuartero 159-175

ARTÍCULOS ARTICLES

- La recepción de los medios de comunicación para residentes rusos en la Costa del Sol**
Mass media reception by Russian residents on the Costa del Sol
 Natalia Meléndez Malavé, José Carlos Pozo García 176-192
- La calidad periodística en la cobertura de terremotos: Caso Ecuador**
Journalistic quality in earthquake coverage: The case of Ecuador
 Juan Pablo Arrobo-Agila, Mendoza María, Ignacio Aguaded 193-207
- La credibilidad publicitaria en la nueva esfera mediática: los universitarios y los medios**
Advertising credibility in the new media sphere: university students and the media
 Noemí Martín García, Belén Ávila Rodríguez de Mier 208-223

Arco iris en medios brasileños: percepciones sociales sobre una campaña publicitaria LGBTQIA+

Rainbow in Brazilian media: social perceptions of an LGBTQIA+ advertising campaign

Leonardo Ferreira Batista, José Geraldo de Araújo Ramalho Filho

224-239

Rituales y comunicación política: la toma de posesión de los presidentes autonómicos españoles

Rituals and political communication: the Spanish autonomous Presidents inauguration

Ricardo Domínguez García

240-258

RESEÑAS REVIEWS

Una mirada diferente para hacer periodismo

A different look for making journalism

Guillermo Paredes-Otero

259-261

Periodismo y tecnología: una simbiosis continua

Journalism and technology: a continuous symbiosis

Luisa Graciela Aramburú Moncada

262-265

Una propuesta metodológica para impartir la asignatura de redacción periodística

Journalism and technology: a continuous symbiosis

Noelia Ruiz-Alba

266-268

Juventude ciberativista e educação: reflexões sobre um jeito hacker de ser

Cyber activity youth and Education: reflections on a hacker way of being

Carla Azevedo de Aragão

Universidade Federal da Bahia | Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, CEP 40110-110
Salvador – Bahia | Brasil | <http://orcid.org/0000-0001-6619-8441> | carla.aragao@ufba.br

Pietro Matheus Bompét Fontoura Alves

Universidade Federal da Bahia | Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, CEP 40110-110
Salvador – Bahia | Brasil | <http://orcid.org/0000-0002-8034-6014> | pietro.bompét@ufba.br

Karina Moreira Menezes

Universidade Federal da Bahia | Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, CEP 40110-110
Salvador – Bahia – Brasil | <http://orcid.org/0000-0002-0524-2848> | karina.moreira@ufba.br

Fechas | Recepción: 31/05/2020 | Aceptación: 21/09/2020 | Publicación final: 15/10/2020

Resumo

O acesso às redes digitais tem se disseminado pelo mundo, devido à popularização dos aparelhos de comunicação móveis, e não tem sido diferente no Brasil, onde a maioria da população jovem usa a internet diariamente (CEPAL, 2018). Dentro das redes e fora das escolas, parte desses jovens, por outro lado, não tem ingressado ou concluído a universidade ou qualquer outra instituição regular de ensino (IBGE, 2018). Diante desse descompasso entre a presença dos jovens nos ambientes digitais e sua relação com a educação formal, realizamos esta pesquisa bibliográfica, a partir de fontes secundárias, com o objetivo de identificar os usos que os jovens têm feito dos aparelhos digitais conectados, especialmente para analisar os modos como ocupam o ciberespaço para

Abstract

Access to digital networks has spread throughout the world, due to the popularization of mobile communication devices, and it has not been different in Brazil, where the majority of the young population uses the internet daily (CEPAL, 2018). Inside the communication networks and outside of the schools, some of these young people, on the other hand, have not entered or completed university or any other regular educational institution (IBGE, 2018). In view of this mismatch between the presence of young people in digital environments and their relationship with formal education, we conducted a bibliographic research, from secondary resources, in order to identify how the young people use of connected digital devices, especially to analyze the ways they

Forma de citar:

Aragão C.A.; Bompét, P.; Moreira Menezes, K. (2020). Juventude ciberativista e educação: reflexões sobre um jeito hacker de ser. *Ámbitos. Revista Internacional de Comunicación* 50, pp. 116-127. [doi: 10.12795/Ambitos.2020.i50.08](https://doi.org/10.12795/Ambitos.2020.i50.08)

participar, mobilizar, articular e dar visibilidade a suas causas e demandas. A partir daí, buscamos caracterizar o *jeito hacker de ser*, identificando conexões entre essas formas de participação ciberativista, a cultura *hacker* e a educação. Como resultados das análises, destacamos que: redes digitais têm sido (também) palco de participação, mobilização e articulação de jovens ciberativistas e vêm sendo utilizadas para confrontar a política partidária tradicional; a atuação ciberativista de jovens e o movimento inspirado pela cultura e ética *hacker* possuem pontos de conexão, como a autogestão, o compartilhamento, o engajamento, a mobilização, o empoderamento e a apropriação tecnológica. Concluimos que a educação com *jeito hacker de ser*, inspirada pela atuação ciberativista de jovens, pode fomentar o engajamento e a participação em um contexto educacional mais aberto, criativo, crítico, compartilhado e emancipatório.

Palavras-chave: participação de jovens, ciberativismo, educação, jeito hacker de ser.

use cyberspace to participate, mobilize, articulate and give visibility to their causes and demands. From there, we seek to characterize the hacker way of being, identifying connections between young cyberactivism, hacker culture and education. As a result of the analysis, we highlight that: digital networks are (also) the stage for the participation, mobilization and articulation of young cyberactivists and has been used to confront traditional party politics; the cyberactivist performance of young people and the movement inspired by hacker culture and ethics have connection points, such as self-management, sharing, engagement, mobilization, empowerment and technological appropriation. We conclude that education with a hacker way of being, inspired by the cyberactivist performance of young people, can foster engagement and participation in a more open, creative, critical, shared and emancipatory educational context.

Keywords: youth participation, cyberactivism, education, hacker way of being.

1. INTRODUÇÃO

As transformações culturais promovidas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais influenciam permanentemente a vida, o cotidiano e as relações juvenis na contemporaneidade. O acesso às redes digitais pelos jovens, disseminado pelo mundo principalmente pela popularização dos aparelhos de comunicação móveis, é uma das facetas desse contexto. No Brasil, não tem sido diferente: 67% dos jovens utilizam a internet diariamente, segundo relatório publicado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal, 2018). A pesquisa TIC Kids Online (CGI, 2016), promovida pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.Br) por meio do NIC.br, reforça o cenário ao revelar que 87% dos jovens acessam a internet todos ou quase todos os dias. Os smartphones figuram como artefato tecnológico mais utilizado, apresentando o percentual de 96% entre os jovens brasileiros de 16 a 34 anos, segundo a pesquisa TIC Domicílios 2017 (CGI, 2018).

Dentro das redes e fora das escolas, mais da metade dos jovens brasileiros entre 15 e 29 anos (25,2 milhões de pessoas) não havia concluído o ensino superior, não frequentava escola, curso, universidade ou qualquer outra instituição regular de ensino, como apontam as informações do módulo Educação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2018). Diante desse descompasso, entre a presença dos jovens nos ambientes digitais e sua relação com a educação formal, realizamos uma pesquisa bibliográfica, a partir de fontes secundárias, tais

como publicações de artigos científicos e jornalísticos, com o objetivo de identificar os usos que os jovens têm feito dos aparelhos digitais conectados, especialmente para analisar os modos como ocupam o ciberespaço para participar, mobilizar, articular e dar visibilidade a suas causas e demandas. A partir daí, buscamos caracterizar o *jeito hacker de ser*, identificando conexões entre essas formas de participação ciberativista, a cultura *hacker* e a educação.

Nossa premissa é de que compreender algumas facetas desse fenômeno é um caminho profícuo para avançarmos na proposição de uma educação pública comprometida com formação de sujeitos políticos emancipados, para atuarem de forma crítica, criativa e propositiva no contexto da cultura e da democracia digital; assim como também para apoiarmos a escola, espaço fundamental para o favorecimento da construção de saberes, na compreensão dos desafios contemporâneos, de modo a refletir acerca do uso instrumental das tecnologias digitais, que para nós constitui-se em uma redução de suas potencialidades. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica realizada buscou: i) conhecer a construção social, cultural, política e legal do ser jovem no contexto brasileiro; ii) identificar momentos mais recentes nos quais a participação política de jovens por meio de tecnologias digitais despertou interesse de diferentes autores; iii) caracterizar o *jeito hacker de ser* e, ao final, como síntese deste estudo, indicamos as conexões entre a atuação ciberativista desses jovens, a cultura *hacker* e a educação.

2. “SER JOVEM”: A INTERSEÇÃO DA CONSTRUÇÃO SOCIAL, CULTURAL, POLÍTICA E LEGAL

O entendimento do “ser jovem” é suscetível a diversas concepções ao longo do tempo. Há modelos socialmente construídos que tendem a analisar os jovens de forma negativa, como a fase de instabilidade, momento de crise ou do “vir a ser”. Outras compreensões tendem a enxergá-los como a fase da criatividade, da ousadia. Mas, como diz Dayrell (2003, p. 41-42), e nós coadunamos, “os jovens, enquanto sujeitos sociais, constroem um determinado modo de ser jovem, baseados em seu cotidiano [...] influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolvem e pela qualidade das trocas que este proporciona”. Essas características se aproximam aos recentes estudos sobre a cultura *hacker* que, ao defender que *hackers* não são criminosos do mundo digital, dão destaque à paixão e ao entusiasmo dedicado às suas produções, desenvolvidas de forma coletiva e colaborativa, com participação ativa nos grupos sociais aos quais estão inseridos.

Por se tratar de uma construção social e cultural, o conceito de juventude precisa ser considerado em suas múltiplas relações e contextos nos quais interferem as condições socioeconômicas, de gênero, raça, de pertencimento religioso, dentre outras. Por isso, mesmo que nos refiramos a palavra juventude no singular em alguns momentos, reconhecemos a pluralidade de sua representação, pois reconhecemos “a situação juvenil diretamente influenciada pelas distintas realidades históricas, sociais e culturais experimentadas pelas pessoas” (Trancoso & Oliveira, 2014, p. 266). Nesta direção, Pais (2003) propõe reconhecer não somente as distintas formas de ser, estar e apresentar-se jovem no mundo, como a fluidez que esta condição cultural adquire na contemporaneidade. O autor caracteriza o surgimento da juventude a partir de um problema sociológico, quando essa começou a ser vulgarmente

encarada como fase de vida, na segunda metade do século XIX, e os problemas e tensões a ela associados a tornaram objeto de “consciência social” (Pais, 1993).

No final do século XX houve uma mudança na distribuição da estrutura etária da população, a partir de um excepcional crescimento do grupo jovem. Esta “onda jovem” significou um aumento relativo da população em idade produtiva, o que poderia ter efeito positivo sobre o desenvolvimento socioeconômico, daí a qualificação da juventude como bônus demográfico. Os jovens começaram a ser observados por outra abordagem, a de “atores estratégicos para o desenvolvimento” (Castro & Aquino, 2008).

No caso brasileiro, a Proposta de Emenda à Constituição da Juventude (PEC 138/2003) sugeriu alteração na Constituição de 1988, também chamada de “Constituição Cidadã” e considerada um marco para a normatização dos direitos humanos brasileiros. O documento não previa a existência da juventude como categoria social específica. A PEC, aprovada dois anos depois do início da tramitação, garantiu a inserção da palavra “jovem” no capítulo de Direitos e Garantias Fundamentais, na tentativa de assegurar o acesso aos direitos constitucionais como saúde, educação, profissionalização, lazer, entre outros para esse segmento.

Assim como outros segmentos sociais, os grupos juvenis passaram a reivindicar políticas mais focalizadas (Castro & Aquino, 2008), sendo que esse movimento se intensificou no país entre as décadas de 80 e 90, junto à terceira onda de democratização nos países do Sul (Santos & Avritzer, 2003). A participação social se acentuou e provocou algumas mudanças, como a necessidade de incorporação da diversidade cultural e social como elemento importante na representação dos jovens.

A Secretaria Nacional da Juventude, na tentativa de responder a essas demandas, promoveu a articulação dos programas e projetos em âmbito federal voltados aos jovens na faixa etária de 15 a 29 anos, a exemplo do Artigo 11 da Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005. Este arco de idade está em todos os marcos legais que acompanharam a formulação da Política Nacional de Juventude, reafirmada pelo Estatuto da Juventude (Brasil, 2013), documento que define os direitos relativos a este segmento e que foi aprovado e sancionado em 2013.

O conceito de juventude(s) é, portanto, uma representação, uma demarcação de poderes, como ressalta Bourdieu (1983). Compreender a construção da juventude como categoria social e a relação dos jovens com a participação política, muitas vezes expressa pelo questionamento aos espaços de poder instituídos, se apresenta como um passo importante para entender outros mecanismos de participação impulsionados pelos jovens na contemporaneidade.

3. JUVENTUDES CIBERATIVISTAS

Ao analisarmos a pesquisa Agenda Juventude Brasil (2013) observamos que os jovens entrevistados preferem “a participação e mobilização nas ruas e ações diretas” (45%) como forma de atuação política, em contrapartida à “atuação pela internet” (34%); e a “atuação em associações ou coletivos, que se organizam por alguma causa” (44%) estão entre as formas de

participação dos jovens. Destaca-se que seis em cada sete jovens assumem que já participaram, participaram ou desejam participar de coletivos e movimentos sociais.

Observamos algumas características dessa atuação na América Latina, a partir de dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal, 2018) e da organização Latinobarómetro, responsável pela pesquisa homônima Latinobarómetro, um estudo anual de opinião pública que envolve os países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Ecuador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

O estudo Ser Jovem na Era Digital (Cepal, 2018, p. 29) mostra que entre os jovens de 16 a 29 anos de idade, declararam ter realizado ou que poderiam realizar as seguintes ações: juntar-se com outras pessoas para tratar de um tema ou firmar uma petição (53,1%), fazer uma reclamação através dos meios de comunicação (49,2%), fazer uma reclamação através de redes sociais (48,2%), assistir a manifestações autorizadas, protestos, marchas (43%); participar de protestos não autorizados, bloquear o tráfego (24,7%); recusar-se a pagar impostos (19,8%). Esses percentuais de engajamentos são superiores aos índices das respostas registradas por pessoas com mais de 30 anos de idade, conforme a pesquisa. O estudo aponta a necessidade de investimentos na ampliação e qualificação do acesso, dos usos e compreensão das tecnologias por parte dos jovens. Entretanto, ao contrário do que se propaga no senso comum, um uso mais crítico e político das redes vem se desenvolvendo entre os jovens latinos e parece despertar cada vez mais o interesse desse público.

Ao analisarmos fenômenos recentes ocorridos no Brasil, com ampla participação de jovens, nos remetemos às Jornadas de Junho (termo cunhado para caracterizar as mobilizações impulsionadas pelo Movimento Passe Livre - MPL) como episódio de um movimento alinhado com manifestações eclodidas em outros países (Primavera Árabe, Indignados, Ocupar Wall Street, entre outros).

As Jornadas de Junho, ocorridas em 2013 e responsáveis por surpreender o governo Dilma com os jovens nas ruas demonstrando insatisfação com a política, são apontadas por Gohn (2017) como precursoras das ocupações das instituições públicas de ensino entre 2015 e 2016, quando jovens secundaristas brasileiros realizaram uma série de ações com o objetivo de demonstrar desacordo em relação às políticas educacionais em curso. Milhares de estudantes participaram das ocupações em mais de 1.100 escolas públicas em todo país, movimento que foi noticiado em diversos periódicos (Abrantes, 2016; Bentes, 2016; Blume, 2016).

Durante as ocupações, os estudantes, ignorados na maioria das vezes nos processos de concepção e decisão das políticas públicas educacionais e da gestão escolar, adotaram táticas de subversão, com uso intenso de tecnologias digitais, exercendo formas híbridas de participação, aparentemente mais horizontais e descentralizadas, em que se observou uma sociabilidade baseada na corresponsabilidade e regimes de autogestão, além de um amplo espectro de “ações de rua”, como abaixo-assinados, passeatas, trancamentos, atos-debate,

carros de som, panfletagem, entre outros tipos de manifestação (Campos, Medeiros & Ribeiro, 2016).

No pós-fácio da obra *Redes de Indignação e Esperança*, escrito por Castells (2013) para a edição brasileira, ele afirma que os espaços de ocupação, sejam eles físicos ou digitais, criam um forte senso de comunidade, forjando laços sociais e identidades coletivas entre os participantes, além de que tornam-se locais para imaginar alternativas, gerar novos símbolos, reconectar-se com memórias históricas, testar e refinar novas retóricas. Segundo ele, os jovens implantaram a comunicação em rede para construir um novo imaginário político.

Como o espaço público institucional, o espaço de deliberação institucionalmente designado, é ocupado pelos interesses das elites dominantes e suas redes, os movimentos sociais precisam criar um novo espaço público que não seja limitado à Internet, mas que faça visível nos espaços da vida pública. (Castells, 2013, p. 19)

Na ocasião de publicação da obra, o autor desconhecia os desdobramentos do movimento, mas demonstrava esperança ao afirmar que “o que é irreversível no Brasil como no mundo é o empoderamento dos cidadãos, sua autonomia comunicativa e a consciência dos jovens de que tudo que sabemos do futuro é que eles o farão. Móbil-izados” (Castells, 2013, p. 182).

Movimentos, como o das ocupações das escolas, ajudam a observar como os avanços tecnológicos e a ampliação do uso da internet por parte da população têm gerado impactos sobre as relações sociais, políticas e culturais (Antoun & Malini, 2013; Castells, 2013; Lévy, 2000), e contribuído, de maneira especial, aos movimentos sociais do século XXI, para o fortalecimento das articulações e estratégias de visibilidade, na reconfiguração de formas de organização e de ações (Gohn, 2010).

Ao refletirmos sobre as juventudes no contexto da cidadania digital, destacamos alguns elementos que objetivam a valorização da participação dos sujeitos, como proposto por Bustamante (2013), sendo um deles a hipercidadania, caracterizada pelo autor como o exercício profundo da participação política na cultura digital. O autor destaca ainda outros dois: a “apropriação social da tecnologia” e a “a utilização consciente do impacto das TIC sobre a democracia” (Bustamante, 2013, p. 17), propondo assim o emprego das tecnologias digitais contemporâneas para fins de relevância social e sua apropriação para novas formas de democracia participativa.

Ao investigar a postura dos jovens em atos públicos, Gomes (2016, p. 45) apresenta que o próprio sujeito, ao utilizar os dispositivos móveis para o registro dos acontecimentos, transforma-se também em “[...] produtor do conteúdo na esfera pública. Assim, tanto o local do debate político, quanto o local do espetáculo midiático são estabelecidos por quem está presente na grande tela, juntamente com outros participantes”.

Os movimentos sociais adentraram o ciberespaço, fazendo dele um ambiente de lutas políticas. Este tipo de ativismo, caracterizado como ativismo digital ou ciberativismo, constitui-se por

meio de ações em rede e com o uso intenso da internet e de tecnologias digitais para mobilização social. Sérgio Amadeu define o ciberativismo como um:

[...] conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizados nas redes cibernéticas, principalmente na Internet. [...] Ele influenciou decisivamente grande parte das dinâmicas e das definições dos principais protocolos de comunicação utilizados na conformação da Internet. (Silveira, 2010, p.31)

O reconhecimento da importância das tecnologias digitais no cotidiano juvenil impulsionou o Protocolo Adicional da Convenção Ibero-Americana dos Direitos dos Jovens (subscrito na XXV Cúpula Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo: Juventude, Empreendimento e Educação, ocorrida em 2016) que reconhece os direitos dos jovens ao acesso às tecnologias da informação e comunicação. Os estados signatários, entre eles o Brasil, se comprometeram a fomentar ações de ampliação da participação ativa dos jovens na vida cívica por meio das plataformas tecnológicas. A iniciativa é necessária e oportuna dado que a valorização da hiperconexão atribuída aos jovens pode subentender uma fluência digital que não nos parece condizente com a realidade, afinal, indicadores de acesso não revelam detalhadamente o que esses sujeitos fazem quando estão conectados, se de fato se apropriam dessas tecnologias para usá-las de forma criativa e responsável, ou se estão ingenuamente maravilhados por elas. Por outro lado, o acesso ao artefato tecnológico amplia as possibilidades comunicativas de jovens e potencializa formas de interação menos controladas, e que foram, em alguns episódios que analisamos, utilizadas para *hackear* - ou seja, questionar e subverter - a situação imposta em dado momento.

4. UM JEITO HACKER DE SER

Nelson Pretto (2010, p. 309) afirma que quando os jovens se apropriam dos recursos tecnológicos podem transformá-los de “[...] um meio meramente receptor de informações para um meio de expressão de ideias e de manifestação da pluralidade e de cidadania”. A história dos hackers nos mostra isso: da curiosidade diante da ambiência tecnológica formaram-se sujeitos que defendem o acesso às tecnologias como condição fundamental para acesso aos saberes. A defesa do conhecimento para todos é uma das máximas do ideário *hacker* originário, cuja ética foi sistematizada por Pekka Himanen (2001), Steven Levy (2001), Eric Raymond (2009) e se pauta em “uma filosofia de compartilhamento, abertura, descentralização e colocar a mão na máquina a qualquer custo para melhorar a máquina e o mundo” (Levy, 2001, s/p, tradução dos autores). Em um cenário cuja cultura hegemônica fortalece monopólios das tecnologias disponíveis e centralização de poder, a defesa do conhecimento livre para todos é algo subversivo e até criminoso.

Ao tratarmos de ética e cultura *hacker*, reiteramos que não se tratam de criminosos do mundo digital. A ética *hacker* é caracterizada pela paixão, colaboração, abertura, cuidado com o outro, liberdade e valor social diante de sua comunidade. Como característica marcante, nota-se a constante (e quase instantânea) disponibilização em rede do conhecimento produzido, para que

novamente este possa ser (re)construído e publicizado, sempre com a premissa de melhorar/aperfeiçoar o que existe. Segundo Nelson Pretto (2010, p. 37), “[...] um hacker tem participação ativa no seu grupo social, por isso gosto de usar a expressão ativismo quando a eles estou me referindo. Os hackers produzem conteúdos e os colocam logo na roda - e na rede! - para que possam ser testados e aperfeiçoados por todos”.

Desse modo, o *jeito hacker de ser* ao qual nos referimos está de acordo aos princípios da cultura e ética hacker, cujos elementos estruturantes, discutidos em Movimentos Colaborativos, Tecnologias Digitais e Educação (Bonilla & Pretto, 2015) e Educações, Culturas e Hackers: escritos e reflexões (Pretto, 2017), são: o acesso livre a todo e qualquer meio de ensino; a descentralização das produções e decisões; o respeito e a valorização da diversidade de saberes e culturas; a desconfiança diante das fontes de informação (professores, livros, autoridades, entre outros); a promoção das aprendizagens a partir da criação e fomento de conhecimentos; o estímulo ao compartilhamento para produção colaborativa; o erro como parte do processo de aprendizagem e arquiteturas que favoreçam atividades livres e coletivas. Encontramos esses elementos também presentes na atuação ciberativista de jovens, como aprofundaremos mais adiante.

Não seria este um dos papéis da educação: promover a produção de conhecimento por meio de processos de construção que estimulam a coparticipação, a coautoria, a paixão, a criatividade, a criticidade? Partimos do pressuposto que a educação, inspirada na ética e cultura hacker, pode oferecer subsídios para formação de sujeitos para atuação ciberativista na cultura digital, visto que uma educação com o *jeito hacker de ser* fomenta o engajamento e a participação em um contexto educacional que se pretende aberto, criativo, crítico, compartilhado e emancipatório.

Carlos Escaño (2017, p. 89, tradução dos autores) defende que:

[...] se existe uma ética hacker, pode existir uma educação hacker [...] com características apoiadas na liberdade de ação educativa, na crítica e na permanente colaboração e intercriatividade. A educação hacker implica, propõe e é, definitivamente, um processo com mais perguntas que respostas.

Enquanto no Brasil a educação escolarizada, de modo geral, permanece distante desse tipo de fazer educativo, observamos o surgimento de coletivos, organizações e movimentos fundamentados em princípios da ética *hacker*, que se expressam em espaços públicos virtuais e presenciais, sinalizando o desejo de subverter lógicas homogeneizadoras e centralizadoras de conhecimento.

Recente estudo sobre a pedagogia emergente de espaços tecnológicos comunitários conhecidos como *hackerspaces*, aponta a existência de uma “pedagogia hacker” cuja força motriz é um engajamento multifacetado pois trata de inclinações e motivações específicas fortalecidas pela convivência (Menezes, 2018). As faces desse engajamento se expressam em quatro aspectos: o aspecto técnico cuja motivação é desenvolver conhecimentos e habilidades técnicas. O aspecto afetivo relacionado a estar em um local do qual se gosta ou com pessoas com as quais se tem afinidade. O aspecto ideário que diz respeito ao fazer algo porque acredita no que está fazendo,

e o aspecto ativista através do qual se coloca a mão na massa, se modifica algo ou alguém pelo agir. A entrada e permanência de pessoas em *hackerspaces*, se dá na medida em que esses engajamentos são construídos pelos seus integrantes e, para que isso seja possível, é preciso que espaço seja acolhedor e diverso.

De tal forma, compreende-se que a apatia e a evasão de significativa parte da juventude dos contextos de educação formal se deve também a um descompasso comunicativo entre aqueles que fazem a gestão da educação e jovens que demandam espaços mais estimulantes, abertos e, ao mesmo tempo, acolhedores às suas demandas estimulando-os a diferentes engajamentos.

Em *The Civic Web: Young People, the Internet and Civic Participation*, Banaji e Buckingham (2013) confrontam a preocupação que paira nas sociedades ocidentais contemporâneas por conta do declínio do envolvimento na vida cívica, expresso, por exemplo, pelo menor interesse em votar ou participar de partidos políticos, como apontamos inicialmente sobre o caso de jovens brasileiros. Segundo a pesquisa coordenada por eles - que aborda como governos, organizações e grupos sociais vem promovendo o engajamento cívico e político entre os jovens em vários países - é questionável o discurso da apatia política dos jovens, pois o que eles identificaram tem a ver com uma crítica e um desinteresse dos jovens pelos velhos modelos de engajamento político, praticados principalmente pelas instituições públicas. Com um olhar crítico sobre as tecnologias da informação e comunicação, os autores reconhecem que esses artefatos têm o potencial de revitalizar a vida cívica e a democracia, mas, alertam que não farão isso sozinhas.

Essa revitalização política está emergindo de (novas) práticas de participação protagonizada por jovens (Banaji & Buckingham, 2013; Bianchi, Perini & León, 2017; Castells, 2017) em todo mundo, com ampla mediação tecnológica. Segundo Bianchi, León e Perini (2017, p. 02, tradução dos autores), que propõem um olhar alternativo à crise democrática, estamos experimentando “a emergência de um novo paradigma político no qual atores politicamente organizados propõem ideias e práticas políticas que entram em conflito com a política hierárquica institucionalizada e representativa”. Os autores apresentam como resultado de seus estudos que as ações, demandas, visões e características dos atores políticos emergentes denotam uma maneira distinta de participar na democracia, com lógicas colaborativas, práticas estruturadas em rede, com uma visão mais cosmopolita e aberta, que coaduna com o que caracterizamos anteriormente com *um jeito hacker de ser*.

5. REFLEXÕES FINAIS

Tomando como cenário as discussões elaboradas até aqui, provocamos uma reflexão sobre as conexões entre a atuação ciberativista dos jovens e a educação com jeito *hacker de ser*, observando as potencialidades dessas conexões. Inspirada nas estratégias colaborativas e princípios da cultura *hacker* “marcada pela busca da liberdade, do bem comum, das riquezas sociais e da ampliação da autonomia das pessoas” (Aguado, 2018, p. 124), a educação *hacker* pode contribuir para a (re)criação de estratégias de empoderamento dos sujeitos, especialmente quando as juventudes encontram-se no papel de protagonistas.

Nosso argumento é que a educação, pautada na ética e cultura *hacker*, pode oferecer subsídios para a formação dos sujeitos de forma mais ampla, visto que uma “pedagogia hacker” (Menezes, 2018) fomenta o engajamento e a participação cidadã e está umbilicalmente vinculado à compreensão das implicações e impactos de vivermos em um mundo digital que modifica estruturalmente a cultura do mundo físico.

Mesmo a organização escolar, que se vê sob amarras históricas e limitações legais sobre sua organização e atuação, tende a reduzir seu potencial de abertura para novas práticas, e, no que se refere especialmente à educação pública, as restrições de ordem infraestrutural também são condicionantes de tais dificuldades. Nosso estudo nos leva a perceber que uma parte da juventude se afasta, mas outra parte persiste e ao persistir, busca espaços para se posicionar, se expressar e produzir cultura.

Esse estudo evidencia a aproximação entre a juventude ciberativista e o *jeito hacker de ser*, por envolverem grupos sociais observados com desconfiança pela sociedade em geral, principalmente pelo desconhecimento de suas causas e motivações. Jovens ciberativistas mobilizam-se de forma comunitária, preocupados com problemas de sua realidade imediata e para se posicionar frente a esses problemas, tem as tecnologias como aliadas, criando narrativas e pautando os modos de se relacionar através delas.

É preciso, contudo, reconhecer que existem outras pessoas com um *jeito hacker* nas escolas por todo o mundo. Profissionais apaixonados pelo ensino, mesmo quando realizado em situações de escassez e dificuldade. Pessoas empenhadas em fazer o seu melhor junto aos estudantes e com desejo de aprender cada vez mais. Por isso defendemos que a vivência engajada em objetivos que vão além dos conteúdos escolares, pode conectar esses indivíduos - adultos e jovens - proporcionando a estes a oportunidade de construir espaços de colaboração e confiança, de questionamento e aprendizagens ampliados pelas oportunidades advindas do acesso às tecnologias.

Referências

- Abrantes, T. (2016). O mapa das ocupações de escolas e faculdades contra Temer. *Revista Exame*. <https://bit.ly/3dkXiiW>.
- Agenda Juventude Brasil (2013). *Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013*. Brasília, DF: Secretaria Nacional da Juventude. <https://bit.ly/3cfu4Rv>.
- Aguado, A. G. & Cánovas, I. A. (2018). *Educação hacker e empoderamento: partilhando caminhos e experiências* [ponencia] II Congreso Internacional Move. net sobre Movimientos Sociales y TIC. Grupo Interdisciplinario de Estudios en Comunicación, Política y Cambio Social (Compólicas), p. 109. Sevilla. España.
- Antoun, H. & Malini, F. (2013). *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Sulina.
- Banaji, S. & Buckingham, D. (2013). *The Civic Web - Young People, The Internet, And Civic Participation*. Inglaterra: MIT PRESS LTD.
- Bentes, I. (2016). A última maçã do Paraíso. *Revista Cult*: <http://bit.ly/2Ba6ad5>.
- Blume, B. A. (2016). *Ocupações das escolas: entenda*. Politize. Consultado em: <https://bit.ly/2TUb7qG>

- Bianchi, M., Perini, A. & León, C. (2017). *Transformaciones de la participación política en América Latina*. Asuntos del Sur.
- Bonilla, M. & Pretto, N. L. (2015). Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação. *Em Aberto*, 94 (28).
- Bourdieu, P. (1983). "A juventude é apenas uma palavra". *Questões de Sociologia*. Marco Zero.
- Brasil. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. *Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude-SINAJUVE*. Diário Oficial da União, 2013.
- Bustamante, J. (2013). *Poder comunicativo, ecossistemas digitais e cidadania digital*. Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013, Brasília, DF: Secretaria Nacional de Juventude. <https://bit.ly/3cfu4Rv>.
- Campos, A., Medeiros, J. & Ribeiro, M. (2016). *Escola de Lutas*. Veneta.
- Castells, M. (2013). *Redes de Indignação e Esperança - Movimentos Sociais na era da internet*. Zahar.
- Castro, J. A. & Aquino, L. (org.). (2008). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, texto para discussão nº 1335.
- CEPAL, (2018). *Ser Jovem na Era Digital. Uma aproximação aos processos de construção da subjetividade*. Fundación SM.
- CGI, (2018). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2017*. CGI.br.
- CGI, (2016). *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2015*. CGI.br.
- Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, ANPED, p. 40-52.
- Escaño, C. (2017). *Cultura libre digital, procomún y educación. Prácticas educativas de cooperación cultural en red por el desarrollo social del procomún digital*. [ponencia] II Congreso Internacional Move. net sobre Movimientos Sociales y TIC (2018), p 80-91. (Compolíticas). Facultad de Comunicación. Universidad de Sevilla. España.
- Gohn, M. G. M. (2017). *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*. São Paulo. Cortez Editora.
- Gohn, M. G. M. (2010). *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Vozes.
- Gomes, J. L. D. L. (2016). "#VemPraRua": As Manifestações de junho de 2013 em São Paulo e a nova esfera pública 195f. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista] <https://bit.ly/2AmUjBh>.
- IBGE, (2018). *PNAD Contínua 2018: educação avança no país, mas desigualdades raciais e por região persistem*. <https://bit.ly/3eBdpJK>.
- Himanem, P. (2001). *A ética dos hackers e o espírito da era da informação*. Tradução Fernanda Wolf. Campus.
- Lévy, P. (2000). *Cibercultura*. 34. Coleção Trans.
- Levy, S. (2001). *Hackers - Heroes of the computer revolution*. Penguin Books. <https://bit.ly/36PznFZ>
- Menezes, K.M. (2018). *P2H: Pirâmide da Pedagogia hacker =[vivências do (in)possível]*. [Tese doutorado, Universidade Federal da Bahia], Salvador.
- Minholi M. (06 de novembro 2009). Como ser um hacker. *Minholi*. <http://bit.ly/3eHtAVX>.
- Pais, J. M. (1993). *Culturas juvenis*. Portugal. Imprensa Nacional Casa da Moeda.

- Pretto, N. (2017). *Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões*. EDUFBA. Salvador.
- Pretto, N. (2010). Redes Colaborativas, Ética Hacker e Educação. *Educação em Revista*.
- Santos, B. S. & Avritzer, L. (2003). Introdução: para ampliar o cânone democrático. En: Santos, B. S. (org.). *Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa* (pp.39-82). Record
- Silveira, S. (2010). Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. *Revista USP*, (43), 28-39.
- Trancoso, A. E. R. & Oliveira, A. A. S. (2014). Juventudes: desafios contemporâneos conceituais. *ECOS*, 2(4).